

TURISMO E CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Fernando César MESQUITA¹

Vou abordar aqui um tema fascinante, polêmico, a respeito do qual tenho opinião definida. Sou a favor do ecoturismo. Tive uma experiência pessoal, onde pude praticar aquilo que eu vinha teorizando. Foi num microcosmo, na Ilha de Fernando de Noronha, de onde eu fui governador por 13 meses.

Uma experiência interessante, porque se trata de uma ilha, com todas as suas características, um arquipélago de 26 quilômetros quadrados com uma população permanente de 1.500 habitantes, e com algumas peculiaridades que talvez não sejam ainda de conhecimento do Brasil. Fernando de Noronha é uma Ilha oceânica, sempre havia sido administrada por governadores militares. Fui o seu primeiro e último governador civil.

Havia uma relação muito complicada entre a população da Ilha e as autoridades responsáveis por sua administração. Eu diria que existia um paternalismo muito acentuado por parte dos militares que sempre cuidaram da gestão, da gerência da Ilha. Esse paternalismo se deu em função das dificuldades de abastecimento, de moradia, da própria personalidade dos ilhéus. A maioria deles é descendente de ex-prisioneiros e militares que ali passaram.

Havia uma cumplicidade dos ilhéus, porque era uma forma de sobreviver. Então, se estabeleceu uma relação complicada e delicada. Para tentar mudar isso, comecei a investir no ser humano, no resgate da cidadania. Porque o habitante de Fernando de Noronha era um cidadão de última categoria. Em primeiro lugar, vinham os militares, os oficiais; em segundo lugar, os sargentos e cabos; em terceiro lugar, os moradores da Ilha que tinham filhas casadas com os soldados ou oficiais; e finalmente, os cidadãos comuns da Ilha que nem sabiam o que eram deveres ou direitos. Eles não tinham consciência de cidadania.

Tentamos então resgatar essa cidadania.

Começou por um processo que poderia ser considerado corporativista, porque eles não tinham noção nenhuma de associativismo. Tivemos que fazer uma introdução de técnicas de convivência, de aproximação governo-sociedade, criando associações de pescadores, de agricultores, de artesãos, de donas-de-casa e de estudantes. E fizemos a primeira eleição. Estou falando sobre esse perfil sócio-econômico e psicológico do ilhéu, porque vou explicar a experiência de ecoturismo.

Fernando de Noronha tem um equilíbrio sensível, que esta sob tensão permanente em função da degradação que ocorreu. Para vocês terem uma idéia, havia uma madeira que flutuava, e um dos governadores militares, quando a ilha era um presídio, para evitar que

os presos fugissem, cortava as árvores porque poderiam servir como embarcação. Essa madeira foi cortada em grande quantidade.

Começamos a tentar fazer um projeto de aproveitamento da ilha do ponto de vista turístico, mas observando sempre a questão ambiental. Porque a ilha tem uma vocação para o turismo. A ilha é uma APA, uma Área de Proteção Ambiental, a primeira talvez do Brasil a ter sua regulamentação aprovada por decreto. Depois, através de um estudo do então IBDF, foi criado o Parque Nacional Marinho, que salvou a ilha depois de sua anexão ao estado de Pernambuco.

Procuramos inculir na população a idéia de que a melhoria das condições de sobrevivência dependeria apenas dos ilhéus. O cidadão da ilha era o sujeito principal de toda aquela história. E procuramos educar a população para o que a Ilha tinha de belezas naturais, o que ela representava em termos de ecossistema, principalmente na parte aquática, porque a parte terrestre estava muito degradada mas na parte marinha ela conservava ainda toda a sua biodiversidade, aquela beleza que vocês devem ter visto pela televisão principalmente o fenômeno dos golfinhos. É em Fernando de Noronha que você encontra um lugar onde os golfinhos vivem, se acasalam, se reproduzem e amamentam. Talvez seja o único lugar no mundo em que existe essa área definida, esse berçário.

Fernando de Noronha associava a condição ambiental ao aproveitamento turístico. Procuramos desenvolver alguns cursos sobre a realidade da ilha, do ponto de vista ambiental, em termos de avifauna, fauna terrestre e fauna marinha e o que ela tinha ainda de flora. Pequenos cursos, procurando primeiro sensibilizar a população mais antiga e depois os jovens, através de um clube. Pretendíamos fazer com que eles tivessem mais amor pela terra, e ao mesmo tempo, conhecendo a ilha, pudessem se transformar em defensores da natureza e, posteriormente, guias para se fazer turismo cultural.

O trabalho começou e os resultados foram aparecendo. Os garotos que viviam com estilingue, como eles chamam lá, baladeira. Depois de algumas semanas de orientação, de aulas, de palestras na televisão, de visitas às escolas, os garotos esconderam as suas baladeiras, os seus estilingues. Passou a ser um estigma andar com baladeira dentro da ilha. Os meninos entenderam. Fernando de Noronha é um laboratório de 1.500 habitantes. Eles começaram a entender a importância de não matar passarinho, não mexer com as aves que ficavam no solo em determinados locais. Foi muito mais fácil trabalhar com as crianças. E o resultado foi bom.

(1) Secretário da SEMATUR - Secretaria do Meio Ambiente e Turismo do Estado do Maranhão.

Na Baía do Sueste, havia uma grande quantidade de peixe, local que é uma espécie de berçário. Os meninos faziam uma varinha com uma ponta fina para caçar o peixe. Com orientação, esclarecimento, que dizia respeito inclusive à própria sobrevivência deles, acabaram entendendo. E em pouco tempo, com o esforço de toda uma equipe, de um grupo grande do qual participou inclusive o pessoal da EMBRAPA, que tinha uma responsabilidade muito grande no levantamento sócio-econômico, no zoneamento agro-ecológico da ilha, foi se mudando essa mentalidade. E o turista, ao chegar em Fernando de Noronha, recebia um folder, e era encaminhado ao local onde havia uma placa onde se dizia o que se podia e o que não se podia fazer na ilha.

Os resultados foram altamente positivos. A sujeira diminuiu.

O turista que ia no ônibus jogava lata fora, queria pegar coisas no fundo do mar. Ele passou a ser assediado, a sofrer restrições que partiam dos próprios pescadores que foram orientados sobre isso, e através dos adultos e crianças. Claro que havia sempre um ou outro que não queria seguir nenhuma norma, nenhuma regra, mas acabava de tal maneira acossado por aquele clima antidestruição que se acabava condicionando.

Foi uma experiência positiva, que lamentavelmente não prosseguiu. Pelas informações que tenho, não foi seguida depois que a ilha foi anexada. É o risco de você não ter um gerenciamento adequado. Não que eu fosse o responsável por isso, mas toda a equipe que se sensibilizou com a idéia e com a criação do Parque Nacional Marinho. Os guardas que existiam na ilha, passaram a ser fiscais. Mas essa parte de educação não se fez da maneira que eu achava que deveria se fazer, principalmente porque existia lá um rádio e uma televisão que deveriam dedicar-se exclusivamente à orientação ambiental. A experiência de ecoturismo em Fernando de Noronha deu resultado.

A minha passagem pelo IBAMA - fiquei pouco mais de um ano -, se caracterizou principalmente pela fiscalização e pela criação de unidade de conservação.

Conheço boa parte das unidades de conservação do Brasil. E posso dizer, com autoridade de quem viveu o problema, que elas são reservas de papel. Os recursos são escassos. E até hoje não houve uma definição clara de governo para destinar-lhes os meios que elas carecem para serem implantadas.

Vocês devem saber o que é uma unidade de conservação. Temos, no Brasil, 17 milhões de hectares em unidades de conservação. Algumas permitem o manejo, outras são intangíveis. Nas áreas de preservação ambiental se permite interferência do homem, mas sob controle. Nos parques nacionais, através do seu plano de manejo, pode-se definir áreas onde o público pode ter acesso.

As florestas nacionais foram criadas com a finalidade precípua de se fazer uma exploração racional de seus recursos. É possível legalmente ceder áreas para uma exploração racional. Existem as áreas de relevante interesse ecológico, e as reservas extrativistas que foram criadas a partir da morte do Chico Mendes - era

uma proposta do Chico Mendes e do Conselho Nacional dos Seringueiros - é uma área onde você trabalha com as comunidades tradicionais, que tem uma vivência naquela área, têm suas famílias, têm sua história ali como é o caso dos seringueiros.

Hoje se questiona, em algumas áreas, a utilidade e a sua produtividade, a razão econômica da reserva extrativista. Continuo defendendo-as, porque acho que os seus críticos não tem noção do que representam. Se você for considerar apenas uma área onde se vai explorar a seringa, talvez não tenha realmente a importância que se pode dar. Tem-se que pensar numa exploração consorciada, da seringa, com os frutos da floresta, uma pequena agricultura, a pesca etc.

Entendendo que o ecoturismo pode se fazer com a participação da sociedade, com as cautelas necessárias, com uma série de providências que devem antecipar essa ação para que ela não venha a se transformar em mais degradação. É preciso realmente um amplo trabalho de esclarecimento.

Consegui ontem, para trazer até vocês, o texto que o IBAMA e a EMBRATUR finalmente consensuaram sobre o Manual Operacional de Ecoturismo, versão preliminar, que será revisado e publicado depois de passar pelo crivo dos técnicos. Tem um sumário sobre os fundamentos do ecoturismo. Ele trabalha nas finalidades do manual, das definições e procura alertar as agências de viagem sobre a possibilidade de sua atuação como fiscais, difundindo, cumprindo e fazendo cumprir as normas de bom aproveitamento dos recursos naturais.

Como prática, realmente seria ótimo. E diz que se faz necessário que todos se sintam capazes de participar ativamente da campanha destinada a fazer funcionar o Ecoturismo do Brasil, dentro de um contexto profissional responsável, divulgando potencialidades ecológicas brasileiras, e ao mesmo tempo zelando pela sua conservação, obedecendo ao lema "Conhecer para respeitar".

Só há respeito ao que você conhece, e eu concordo. Você chega e explica o que é um ecossistema. Tem um bioma assim, assado.

Deve-se fazê-lo, através de um centro de visitantes onde você apele para uma linguagem simples. Se você fizer isso, der condições ao centro de visitantes, com vídeos, exposições, com pessoas competentes, com audiovisual, você pode fazer do turista um defensor da natureza. Você pode transformá-los em agentes da defesa do meio ambiente.

Eu queria até fazer um parêntese sobre isso. É lamentável, mas a questão ecológica no Brasil, ainda é elitizada. Não chegou ainda ao povo e vai demorar muito a chegar. Há difusão da informação, grande número de organizações não governamentais, o governo federal, os governos estaduais, e alguns governos municipais, que passaram a dedicar um pouco mais de atenção ao meio ambiente no Brasil. Mas ainda é uma gota d'água dentro da triste realidade, dentro do que estamos vivenciando, nós que temos responsabilidade na defesa do meio ambiente.

Sou secretário de meio ambiente no Maranhão, estado que teve a sua cobertura vegetal alterada em 35%. Estou fazendo um esforço enorme para ver se conteno a devastação, porque a invasão dos pecuaristas de São Paulo, do Sul do Maranhão e do Pará é terrível.

É um esforço grande para obter recursos para a máquina funcionar, contratar fiscais, elaborar programas de educação ambiental, e fazer com que os prefeitos criem os Conselhos Municipais de Desenvolvimento Ambiental, que estão previstos na legislação. Fazer com que o Conselho Estadual de Meio Ambiente tenha condições de funcionar. Tudo é muito difícil. Você não consegue fazer com que as escolas se interessem por programas de educação ambiental. Não sou a favor de que se transforme a educação ambiental em mais uma tarefa, mais uma disciplina, que se inclua no curriculum. Defendo a educação informal. No Sul do País, no Norte, Nordeste, Sudeste, você tem como fazer educação ambiental informal e competente.

Graças a Deus a discussão ambiental esta crescendo, mas ainda não se conseguiu passar para o grosso da população, para a classe trabalhadora. Aliás, são os trabalhadores as maiores vítimas da degradação. Agora é o cólera que esta atingindo Pernambuco, Maranhão. É um problema tipicamente da falta de saneamento. São esgotos a céu aberto. No Maranhão, estamos fazendo levantamento das condições de saneamento da ilha, e detectamos 65 pontos de despejos *in natura*. Os índices de coliforme fecal vão lá para cima. E vocês sabem que o coliforme fecal é apenas o indicativo das patogenias que existem na área. O cólera é uma doença que atinge justamente a população mais desfavorecida, a mais pobre. Você não ouviu falar que num bairro chique alguém tivesse tido cólera. São exatamente nos bolsões de pobreza, no Maranhão e no Nordeste. Por que? Porque não se dá a atenção devida a questão de saneamento básico, que hoje talvez seja o problema mais grave do país.

Roubou-se demais na questão do saneamento básico, não se aplicou dinheiro no que se deveria aplicar, em redes de esgoto. Faz-se rede de água porque politicamente é importante levar água, mas não se constrói estação elevatória, não se faz estação de tratamento, não se faz nada.

Há reações contra esgotos. Os engenheiros não querem mexer com esgoto, ninguém quer mexer com esgoto. As pessoas acham que dando descarga resolvem o problema. Essa faixa da população é vítima do descuido, do desinteresse. E se você for conversar com alguma pessoa sobre o meio ambiente, (não corta o manguezal etc.) é só sair dali e ela vai e corta porque a sobrevivência dela que está em jogo. Não pesque agora, essa é a época do defeso, da desova e tal. Você sai, ele vai pescar porque não sabe como solicitar o seguro desemprego.

Em resumo, se for executado com seriedade e competência, com os cuidados necessários, o ecoturismo pode contribuir para que o País tenha condições de conhecer melhor a realidade ambiental, que as pessoas comecem a perceber as dificuldades que o País

atravessa, que a utilização inadequada dos recursos naturais é uma agressão, e no futuro vai haver um retorno negativo para toda sociedade.

Entendo que se pode fazer Ecoturismo, se esse Manual Operacional de Ecoturismo tiver os desdobramentos que são previstos pelos técnicos que nele trabalharam. E nele trabalharam efetivamente pessoas competentes, de alto nível. O problema no Brasil é que na hora de redigir uma lei, na hora de elaborar uma portaria, uma norma, a coisa é muito bem estudada, mas na hora da aplicação sempre é diferente. Falta autoridade, respeito, disciplina, uma série de coisas que realmente colocam em risco qualquer iniciativa que se vá tomar neste País, em termos de meio ambiente.

Acredito que a exploração do Ecoturismo, pode ser importante para difusão do conhecimento científico, adaptada ao turismo comum. Vejo que as pessoas estão começando a se sensibilizar, já não acham que o meio ambiente é apenas uma questão de "verdinhas". Lamentavelmente, os ambientalistas, as pessoas que mexem com o meio ambiente, estão sofrendo um revés muito grande.

Tivemos a administração do Prof. Lutzenberger, um cientista de grande categoria, um homem digno, mas sem vivência da administração. E deixou o espaço aberto para as pessoas como o governador Gilberto Mestrinho e outros, que passaram a agredir cientistas, professores, técnicos, ambientalistas, como se fossem criminosos, pessoas irresponsáveis, mais interessadas em promover a pobreza do que o desenvolvimento de maneira racional.

O governador Gilberto Mestrinho, por exemplo é um homem carismático e talentoso, usa meias verdades, mente com grande charme, e tem agora um canal de televisão mensal - que é o Ferreira Neto, que de mês em mês vai a Manaus, e para ouvi-lo. Parece que todos nós de alguma maneira, estamos defendendo a natureza, estamos é querendo prejudicar o caboclo. Ele fala sempre no caboclo, não fala que não esta dando ao Estado as condições de proteger o caboclo. E tem aquela encenação do jacaré, aquela coisa ridícula.

Mas, a verdade é que isto esta mudando, lentamente, mas esta mudando. Tenho medo de que agora na Eco 92, fiquemos mais nas pompas e circunstâncias e é o que vai haver mais na Eco 92. A televisão, a mídia divulgará mais os chefes de estado, reis e rainhas que estiverem aqui do que a discussão do problema ambiental. Mas acredito que as organizações não governamentais vão ter uma participação importante.

Espero que a mídia dê cobertura também ao que as ONGs vão discutir, ao que elas vão apresentar.